

2. A oração como o segredo da nossa alegria

Certamente, nos lábios de Jesus é a mesma coisa pedir-nos para rezarmos sempre, sem nos cansarmos, com fé, e pedir-nos: "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça" (Mt 6,33). De fato, Jesus pede-nos que procuremos o Reino de Deus depois de haver ensinado o "Pai Nosso" (cf. Mt 6,9-13) e insistido sobre a confiança no Pai que nos vê em segredo e cuida de nós como das aves do céu e dos lírios do campo (cf. Mt 6,14-34).

Em meio a este discurso Jesus insiste sobre o tesouro do coração: "Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os consomem e onde os ladrões invadem e roubam; mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem e onde os ladrões não invadem nem roubam. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6,19-21).

Esta palavra nos interroga sobre o valor dado à esta relação com Deus, na qual podemos viver tudo e a quem podemos confiar tudo. Se rezamos pouco e mal, admitamo-lo, não é porque não temos tempo ou força para rezar, mas porque no fundo não estamos convencidos que em nossa relação com o Senhor encontramos o tesouro do nosso coração. Porque se estivéssemos realmente conscientes de que a oração faz o nosso coração permanecer no tesouro do céu, rezaríamos como respiramos, como comemos ou dormimos. É impossível renunciarmos o que é vital. No entanto, renunciamos frequentemente a nossa relação com o Senhor que "a todos dá a vida, o fôlego e todas as coisas", em quem "vivemos, nos movemos e existimos", como explica São Paulo aos pagãos de Atenas (At 17,25. 28).

"Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6,21). O que isto significa? O que significa ter o nosso coração onde está o nosso tesouro, e sobretudo, onde temos um "tesouro no céu"?

Para compreender isto, basta reler o episódio do jovem rico que renuncia a seguir Jesus porque não quer separar-se dos seus "tesouros na terra". Jesus tinha-lhe dito: "Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!" (Mt 19,21). Mas "quando ouviu essa palavra, o jovem foi-se embora triste, pois na verdade possuía muitas riquezas" (19,22).

A tristeza do jovem rico revela-nos de modo negativo algo que todo o Evangelho nos diz sempre, isto é, que o "reino dos céus" ou o "reino de Deus" é a nossa alegria, é a verdadeira alegria do nosso coração. O que está realmente em jogo quando somos aconselhados a separar-nos dos bens terrenos e oferecê-los aos pobres, primeiramente não é a pobreza ou a generosidade, mas a alegria. Os tesouros da terra não são a alegria do nosso coração. Somos feitos para uma alegria diferente, para uma alegria que não depende do que temos e obtemos nesta terra, mas de uma realidade que é "do Céu", que está no Céu, de uma realidade que é de Deus, em Deus.

O problema da nossa alegria não está naquilo que deixamos para trás, ainda que nos seja difícil deixá-lo, mas naquilo que somos chamados a encontrar, e que nos é dado. A passagem dos tesouros da terra para o tesouro do céu não é como trocar uma moeda por outra, por exemplo, euros por dólares. Não há comparação entre os tesouros da terra e o tesouro do céu. Quando trocamos dinheiro noutra moeda, ou quando vendemos um bem por um valor determinado, normalmente as duas coisas têm o mesmo valor, a menos que sejamos enganados. Em contraste, a troca entre os tesouros da terra e o tesouro do céu é totalmente desproporcionada, não há possibilidade de comparação. O tesouro no céu vale tudo e, mais do que tudo, tem um valor infinito e eterno.

Jesus nos faz compreender isto noutra passagem do Evangelho: "Que vantagem terá um homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua própria vida? Ou que coisa um homem poderá dar em troca da sua própria vida"? (Mt 16,26). O que quer dizer isto? Isto significa que o valor da vida não é medido pelos tesouros da terra, mas apenas pelo tesouro do céu. Só no reino de Deus a nossa vida encontra o seu verdadeiro valor, um valor sem comparação. Qual é este valor? Aquele que Jesus acabou de anunciar antes de dizer esta palavra, despertando a oposição de Pedro: "Então Jesus começou explicar aos seus discípulos que Ele devia ir a Jerusalém e sofrer muito por parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos escribas, e ser morto e ressuscitar ao terceiro dia" (Mt 16,21). O valor da nossa vida é que Deus dá a sua vida por nós, que Ele morre na cruz por nós e ressuscita.

O jovem rico renunciou a este tesouro para apegar-se aos seus tesouros da terra e de terra, aos seus tesouros de areia, de pó. E assim renunciou a alegria do seu coração, uma alegria infinita e eterna que Deus lhe tinha reservado desde a eternidade: a alegria de estar com Cristo, de estar com Deus, não só sobre a terra mas eternamente no Céu.

Mas é importante aprofundar o que significa que a nossa alegria corresponde ao tesouro no céu que Jesus nos promete. Isto não significa que na terra não possamos ser felizes. A questão não é tanto *onde* somos felizes, mas *qual felicidade, qual alegria* nos é dada a experimentar, seja na terra como no céu, seja durante esta vida como após a nossa morte. A questão é se queremos uma alegria verdadeira e eterna ou uma alegria que acabe, que se consome, que a traça e a ferrugem as consomem, que os ladrões nos roubam (cf. Mt 6,19).

Às vezes, quando enfrento certos problemas com as comunidades, percebo que, afinal, por trás de tantos discursos e tantas discussões, o verdadeiro problema é que a alegria do coração de tantos monges e monjas não é realmente o tesouro do céu, mas sim muitos tesouros da terra. E o sinal é a tristeza, que não se respira alegria, que a alegria do reino dos céus não se irradia daquela comunidade, ou daquelas pessoas.

Por isso, parece-me cada vez mais urgente, para o bem das nossas comunidades e da Ordem, mas diria sobretudo para o bem do mundo que, acima de tudo, precisa que os cristãos dêem testemunho de tesouros que nada pode corromper, de alegrias que nada pode entristecer, é importante compreender como o jovem rico também poderia ter escolhido o tesouro do céu e, portanto, uma alegria infinita. E aqui voltamos ao tema da oração. Em que sentido? Porque depois da triste partida deste jovem, Jesus convida os seus discípulos primeiramente a examinarem-se a si mesmos: "Em verdade eu vos digo: dificilmente um rico entrará no reino dos céus. Digo-vos novamente: é mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, que um homem rico entre no reino de Deus" (Mt 19,23-24). Os discípulos tiveram medo porque sabiam que também eles estavam sempre ligados a algum tesouro terreno: "Com essas palavras os discípulos ficaram muito surpresos e disseram: "Então, quem poderá ser salvo?" (19,25). Mas Jesus olha para eles e dá-lhes novamente esperança, convidando-os a não confiar em si próprios, mas em Deus: "Isto é impossível aos homens, mas a Deus tudo é possível" (19,26). É aqui que retorna o tema da oração, da verdadeira oração, como o segredo da nossa alegria, da plenitude a partir de agora possível ao nosso coração ferido, incapaz de salvar-se sozinho.